

O PROBLEMA DA LIBERDADE EM NIETZSCHE: UMA INVESTIGAÇÃO DO ESTATUTO DA LIBERDADE NO INTERIOR DA COSMOLOGIA DA VONTADE DE PODER

LEONARDO CAMACHO DE OLIVEIRA¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI³

¹ Universidade Federal de Pelotas – leocamacho@globo.com

³ Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é questão da liberdade, mais especificamente, o estatuto da mesma no interior do pensamento de Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), delimitada aos escritos compreendidos no período que vai de 1886 à 1888. Tal delimitação se justifica em virtude da influência que a cosmologia da vontade de poder exerce no pensar nietzschiano, de tal sorte que o autor propõe uma nova visão de mundo, ou seja, um novo registro interpretativo para a “efetividade”, que a compreende enquanto jogo de forças que buscam o domínio umas sobre as outras. Diante dessa nova visão de mundo, temos, conseqüentemente, uma nova noção de subjetividade, a qual pode ilustrada pela colocação do sujeito enquanto “estrutura social dos impulsos e afetos” (NIETZSCHE, 2007, p. 19), de modo que o pensador nos lega uma noção de sujeito fragmentado em impulsos, os quais se encontram em constante conflito, oscilando entre luta e ordenação¹. Também a noção de liberdade terá de passar por uma ressignificação diante a visão do mundo como vontade de poder, sendo o objetivo da presente pesquisa investigar o estatuto que ela terá no interior da mencionada cosmovisão.

Não obstante, tal tarefa não se reduz a uma simples descrição do tratamento nietzschiano da liberdade. Em primeiro lugar por tal tema não ter sido diretamente tratado pelo pensador alemão, ele não dedica um livro, nem ao menos um capítulo de livro especificamente a tal questão. Fator que é ainda agravado pelo colapso sofrido por Nietzsche em janeiro de 1889, que interrompe sua reflexão filosófica sem que a mesma tenha sido concluída definitivamente. Em segundo lugar, temos considerações esparsas e, por vezes, aparentemente incompatíveis; na obra *Além do bem e do mal*² de 1886 o pensador, em certos momentos ataca a noção de “liberdade da vontade” (*Freiheit des Willens*), como no § 21, o que poderia nos levar a interpretá-lo como um fatalista, pura e simplesmente. Contudo, no mesmo § 21 ele também ataca a noção de “vontade não-livre” (*unfreier Wille*), o que nos leva a repensar a simples eliminação da liberdade. Soma-se a tais passagens ainda o § 213, da mesma obra, no qual é apresentada uma postura atribuída aos artistas, que quanto mais se compreendem enquanto determinados, mais capacidade criativa e liberdade possuem, logrando possuir a “liberdade da vontade” e a necessidade unidas em seu ser. Vemos como o objetivo de buscar o estatuto da liberdade em Nietzsche não é redutível a uma tarefa descritiva, mas antes se coloca como um efetivo problema filosófico.

Para enfrentar tal problema e buscar um estatuto da liberdade capaz de dirimir os tratamentos aparentemente incompatíveis da mesma, nos servimos da

¹ É digno de nota a originalidade e importância de tal concepção de sujeito ao final do séc. XIX, servindo de ponto de partida e inspiração para a análise do inconsciente no âmbito da psicanálise.

² Doravante BM.

seguinte estratégia: esclarecer as questões incidentais³ ao problema da liberdade, qual seja, definir a visão de mundo com a qual Nietzsche opera (mundo como vontade de poder, § 36 de BM), bem como esclarecer a noção de sujeito legada por tal cosmologia, para só então trabalhar as considerações do filósofo sobre a liberdade, balizando-as pela cosmologia e noção de sujeito antes definidos.

Nosso trabalho é eminentemente filosófico, por essa razão se inclui na grande área das ciências humanas e, mais especificamente, se enquadra na linha de Fundamentação e Crítica da Moral, do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas. Cremos tal enquadramento ser definido sem maiores problemas tendo em vista que o ponto central da pesquisa, a noção de liberdade, é fundamental e determinante para uma filosofia moral.

A principal fonte para o trabalho é, em primeiro plano, a obra publicada de Nietzsche, delimitada ao período 1886-1888, e, de forma subsidiária, os fragmentos póstumos e correspondência do mesmo período. Não encontramos uma obra de referência, entre a bibliografia secundária de comentadores, que aborde a questão diretamente e com a profundidade que cremos ser necessária; o que nos leva a privilegiar a utilização de comentários relativos à obras, ao invés de uma bibliografia temática sobre a liberdade. Isto não impede que nos utilizemos de um precioso diálogo com comentários abrangentes da obra nietzschiana, bem como trabalhos versando sobre as questões incidentais, antes mencionadas, sendo que a leitura da cosmologia da vontade de poder que faremos será balizada, sobretudo, pelos comentários de Wolfgang Müller-Lauter e Scarlett Marton, respectivamente nas obras *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia* e *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*.

2. METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho se define pela leitura, de viés crítico-imanente, dos textos nietzschianos, já apresentados na introdução; buscando conciliar uma leitura que respeite os movimentos de cada obra, situando as citações contextualmente, mas que não perca de vista os grandes temas do pensamento de Nietzsche e a influência dos mesmos sobre seus escritos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento a pesquisa logrou aplicar a estratégia apontada na introdução (resolver as questões incidentais da cosmologia e do sujeito e balizado por elas enfrentar a questão central) na obra BM, a qual é, para os fins de nosso trabalho, a obra de maior relevo.

Em suma, relativamente a cosmologia, observou-se que em BM Nietzsche inicia sua reflexão sobre tal tema apresentando uma crítica a visão de mundo dualista, afirmando que: “A crença fundamental dos metafísicos é a *crença nas oposições de valores*”(NIETZSCHE, 2007, p. 10). Diante da qual o pensador apresenta uma visão do mundo sem oposições absolutas ou essências, mas no

³ Utilizamos incidental aqui remontando ao instituto jurídico das questões incidentais, as quais se definem por questões que não são o foco do processo, mas que devem ser resolvidas anteriormente à questão principal, sendo condição *sine qua non* para a resolução da mesma. Com efeito, vemos a questão da cosmologia e do sujeito como inseridas nesse registro, afinal são problemas incidentes, não se confundem com o problema principal que é a liberdade, mas a resolução de tais problemas se torna imperiosa para que a questão da liberdade seja resolvida de forma satisfatória.

qual a multiplicidade existe nas diferenças quantitativas: “Pois embora a *linguagem*, nisso e em outras coisas, não possa ir além de sua rudeza e continue a falar em oposições, onde há somente degraus e uma sutil gama de gradações” (NIETZSCHE, 2007, p. 29). Com efeito, em razão de uma consciência do método, apresentada nos §§ 13 e 36, o filósofo propõe um registro interpretativo único para a efetividade⁴: a vontade de poder “O mundo visto dentro, o mundo definido e designado conforme seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’, e nada mais. –” (NIETZSCHE, 2007, p. 40). Portanto, a luta pelo poder, pelo domínio, pode ser observada em toda a efetividade, desde a relação entre organismos unicelulares que tentam anexar outros organismos e fazê-los de alimento, até as complexas relações de poder que se estabelecem entre países no cenário político internacional.

No que tange a questão do sujeito, nos §§ 12, 16 e 17 Nietzsche descobriu a noção de uma alma imutável que seria a essência última do sujeito, mostrando que tal noção advém de um preconceito gramatical, o qual ordena que sempre se busque um sujeito para qualquer predicado. No lugar desse atomismo da alma, o pensador propõe um sujeito fragmentado; tendo por base os §§ 19 e 21 e balizado pela cosmologia da vontade de poder, podemos afirmar que o sujeito é: (i) fragmentado em uma estrutura social de muitas almas (impulsos), (ii) sua dinâmica interna é a do conflito, da busca pelo domínio, e em última análise, ele se define (iii) pelo resultado, sempre instável, desse conflito que impõe uma ordenação ao todo, a qual enfim pode ser identificada ao que ele é.

Finalmente com relação à questão da liberdade, podemos inicialmente afirmar, com base em BM § 21, que uma noção de liberdade absoluta é recusada, pois ela demandaria um sujeito que fosse causa de si mesmo e dessa forma fosse capaz de se apartar do mundo e escolher livremente entre “a” ou “b”; o que é absurdo, pois o próprio sujeito é uma luta de impulsos e está imerso no fluxo constante do vir-a-ser da vontade de poder. Não obstante, também no § 21, é recusada a noção de um sujeito determinado absolutamente, em outras palavras um sujeito que é apenas efeito, e de forma alguma causa; pois para Nietzsche “causa” e “efeito” são meras ficções convencionais, não existem na efetividade.

Diante dessa dupla refutação, da liberdade absoluta e do sujeito apenas como efeito, encontramos em BM § 213, uma “terceira via” para compreender a liberdade, apresentada enquanto postura do artista:

Os artistas talvez tenham um faro mais sutil nesse ponto: eles, que sabem muito bem que justamente quando nada mais realizaram de “arbitrário”, e sim tudo necessário, atinge o apogeu a sua sensação de liberdade, sutileza e pleno poder, de colocar, dispor e modelar criativamente – em suma, que só então necessidade e “liberdade da vontade” se tornam unidas neles (NIETZSCHE, 2007, p. 108).

Vemos, portanto, uma interessante forma de se compreender a liberdade, na qual o sujeito compreende-se enquanto determinado, no sentido de que está vinculado a um mundo, mas que justamente diante dessa compreensão é capaz de obter um pleno poder criativo, pois também compreende que, enquanto parte do fluxo do vir-a-ser, ele será também determinante e não apenas determinado.

⁴ Nietzsche não tem a pretensão metafísica de afirmar o que existe realmente na efetividade, de afirmar qual a essência das coisas; mas se utiliza da linguagem como símbolo, para “referir” o que não pode ser referido, visto estar em constante mudança e vir-a-ser. Com efeito, a vontade de poder não é a essência do mundo, mas um símbolo que intenta mostrar como a dinâmica do vir-a-ser da efetividade se dá. Nesse sentido seguimos Müller-Lauter na obra Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho tem o potencial de contribuir grandemente com os estudos de Nietzsche, tendo e vista abordar uma temática que carece de um tratamento aprofundado. Também tem a potencialidade de contribuir para uma revisão, tão necessária, do atual paradigma da liberdade; longe de ser uma revisão de escopo meramente teórico, estamos diante de um tema crucial para qualquer sociedade, em nosso código penal se lê no artigo 18: “Diz-se o crime: I - doloso, quando o agente quis o resultado (...)”. Vemos que a legislação brasileira se assenta em um paradigma de liberdade que as críticas nietzschianas nos forcem a revisar. Com efeito, realizar um tratamento aprofundado e capaz de “escavar” o tratamento nietzschiano da liberdade, objetivo visado pelo nosso trabalho, é um passo necessário e que contribuirá grandemente para o enfrentamento do problema da liberdade em nossa sociedade, de modo que vemos nestas duas “agendas” uma complementariedade.

Por fim, também vemos como significativa inovação a estratégia de abordagem sobre o tema, que assenta o tratamento da questão da liberdade sobre as bases sólidas da resolução das questões incidentais da cosmologia e do sujeito; e que vem mostrando-se capaz de mostrar a unidade e coerência do tratamento nietzschiano da liberdade, subjacente às aparentes posições contraditórias e antagônicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GEMES, K.; JANAWAY, C.. **Nietzsche on Free Will, Autonomy and the Sovereign Individual**. Proceedings of the Aristotelian Society, vol. 80, p. 321-357, 2006.
- KAUFMANN, Walter. **Nietzsche Philosopher, Psychologist, Antichrist**. New Jersey: Princeton University Press, 1974.
- LÖWITH, Karl. **Nietzsche's philosophy of the Eternal Recurrence of the Same**. California: University of California Press, 1996.
- MARTON, Scarlett. **Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Unifesp, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. Friedrich Nietzsche – **Sämtliche Werke 15 Bande. Kritische Studienausgabe**. Berlim: Walter de Gruyter, 1992.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a Auto-superação da Moral**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores**. São Paulo: Discurso Editorial; São Paulo: Barcarolla, 2010.
- SOLOMON, Robert C.. **Nietzsche on Fatalism and “Free Will”**. Journal of Nietzsche Studies, n 23, p. 63-87, 2002.